

**A VIVÊNCIA DA EDUCAÇÃO POPULAR FRENTE À PRÁXIS FREIREANA
COM EDUCANDAS E EDUCANDOS EM SITUAÇÃO DE RUA
NO MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS – SP**

Gustavo Enrique Costa¹

Taiane Helena Cerminaro²

Café com Paulo Freire MOVA-São Carlos/SP

Resumo:

Paulo Freire escreveu muitas cartas (Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo; Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar; Cartas a Cristina, entre outras), para matar as saudades da família, dos(as) amigos(as), do Brasil, e para tecer sua teoria. E agora somos nós do Café Paulo Freire que te escrevemos.

Palavras-Chave:

Educação Popular. Educação de Jovens e Adultos. Paulo Freire.

O MOVA-São Carlos (Movimento de Alfabetização de São Carlos), do qual fazemos parte, é um coletivo de educadoras e educadores populares comprometidos com a alfabetização e com a transformação social por meio de uma educação pautada em práticas dialógicas. Atualmente, conta com 22 Núcleos espalhados na zona urbana e rural da cidade, atendendo 240 educandos e educandas através do trabalho voluntário de 20 educadores e educadoras, além de uma coordenadora, que atuam em 22 núcleos de alfabetização. A nossa base dialógica fundamentada no pensamento freiriano é constantemente fortalecida através de grupos de estudos, leituras compartilhadas, além de formações periódicas.

¹ Mestrando Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: gustavo.pedagogia.ufms@gmail.com.

² Pedagoga pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), membro do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE/UFSCar). E-mail: taihcerminaro@gmail.com.

Cada um dos nossos Núcleos que compõem o MOVA-São Carlos conta com uma especificidade de educandos e educandas muito distinta, variando muito quanto à idade, condição social e ocupação. Nesse sentido, a diferente localização dos Núcleos acaba trazendo determinantes para a especificidade do grupo atendido, sendo que muitos se localizam em assentamentos, zona rural ou regiões periféricas da cidade.

Ao escrever esta carta, nos propomos a falarmos sobre a experiência vivenciada em dois de nossos Núcleos, os quais contam com uma heterogeneidade muito grande, além de um caráter transitório de seus educandos e educandas. Um dos Núcleos se encontra no Centro POP, localizado na região central da cidade, trata-se do núcleo de referência de atendimento para população em situação de rua da cidade de São Carlos; o outro, é no Abrigo Emergencial, um espaço de acolhida de adultos e famílias que perderam os vínculos familiares, também se encontrando em situação de rua.

Esses dois espaços de atuação do MOVA-São Carlos se caracterizam por uma grande heterogeneidade e complexidade da população atendida. Transitam nesses espaços jovens, adultos e idosos, com distintos costumes e interesses, pessoas com deficiência, egressos e egressas do sistema prisional, migrantes, imigrantes, refugiados, pessoas em trânsito, pessoas LGBTQIA+ (na sua grande maioria, mulheres transexuais), etc. Em comum, a população atendida nesses núcleos enfrenta grande vulnerabilidade social e a privação de direitos básicos, como moradia, alimentação e educação.

Ademais, a heterogeneidade dos educandos e educandas que frequentam desses dois Núcleos específicos trazem uma grande riqueza de vivências, habilidades, experiências e saberes. Portanto, o trabalho realizado por nós dentro desses espaços tem se centrado na valorização e na expansão desses saberes através de uma prática pedagógica dialógica e de construção coletiva. Com base em Freire, compreendemos que a interação dialógica é a base para o aprendizado. Partindo desse princípio, construímos coletivamente as aulas fazendo uso de rodas de conversa, incentivando nossos educandos e educandas a participarem efetivamente da construção do trabalho pedagógico e, garantindo, assim, o compartilhamento, a valorização e a ampliação do conhecimento de mundo não só do público atendido, mas também o nosso enquanto educadores e educadoras.

A garantia da efetivação do direito à educação dessas pessoas tem, no nosso trabalho, o caráter político e social como marcas fundamentais. Inserir esses sujeitos em situações dialógicas, nas quais suas vozes ouvidas e seus saberes valorizados, os coloca como sujeitos históricos, capazes de agir e comunicar-se sobre e com o mundo. Portanto, esses indivíduos se fazem ativos em sua transformação pessoal, contribuindo, assim, para a transformação da sociedade que os cerca.

A centralidade da prática dialógica em nossas aulas do MOVA-São Carlos garante aos educandos e educandas uma reflexão inter e intrassubjetiva, de forma que a partir de seus conhecimentos iniciais, através do diálogo, revisem e ampliem seus saberes em interação com os outros. Nesse processo, cabe ressaltar que esses espaços, além da presença do educador, também contam com uma equipe multidisciplinar que colabora para o atendimento e educação de qualidade dessa população.

Durante uma experiência de três anos enquanto educador popular dessa população tão plural, eu, Gustavo, um dos autores dessa carta, relato que inicialmente, segui as seguintes etapas: escuta qualificada; levantamento de temas geradores; registro das observações cotidianas nos momentos dos diálogos, (re) construção das temáticas geradoras e organização das aulas. Desta maneira, em minha prática pedagógica, o educador não deposita conteúdos sobre os educandos de maneira que eles os internalizem passivamente. Isto posto, os educandos e educandas não limitam sua participação a assistir aulas, já que participam ativamente da construção de suas aprendizagens, juntamente comigo. Cabe destaque que em vários momentos as situações vivenciadas exigiram que eu fosse capaz de (re) inventar, (re) fazer, (re) pensar, (re) organizar sua prática pedagógica, uma vez que o público-alvo é bastante rotativo e as situações diversas.

Diante das imposições da situação pandêmica atual, o atendimento educacional e a garantia da efetivação dos direitos básicos dessa população têm enfrentado inúmeros desafios. A partir das determinações sanitárias para que as aulas fossem ofertadas de forma remota, uma minoria que possui os recursos necessários tem participado efetivamente das atividades. Para além da privação ao direito básico à educação, podemos afirmar que o público desses Núcleos tem enfrentado o agravamento das desigualdades sociais e sofrido com a ausência de condições mínimas para enfrentar a pandemia com segurança.

A nós, educadores populares, por mais que a situação seja desoladora, cabe a esperança. Mas, longe de uma esperança ingênua, nossa esperança vem do verbo esperar que, conforme nos ensina Freire (2014), é a esperança de quem luta, de quem muda, de quem constrói com os outros um mundo mais bonito e justo. Ainda, segundo Freire (2014, p.174),

Uma das tarefas da educação popular progressista, ontem como hoje, é procurar, por meio da compreensão crítica de como se dão os conflitos sociais, ajudar o processo no qual a fraqueza dos oprimidos se vai tornando força capaz de transformar a força dos opressores em fraqueza. Esta é uma esperança que nos move.

O trabalho dos educadores e educadoras em nosso país nunca foi tão difícil e tão necessário. Trabalhar com a educação, em especial com a Educação de Jovens e Adultos tem sido um ato de amor, resistência, rebeldia e revolução.

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. 21ª Edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2014.